



Uma Congregação do nosso tempo

Uma Congregação do nosso tempo



Província Portuguesa
das Irmãs de São João Baptista e de Maria Rainha

Edição e propriedade

Província Portuguesa
das Irmãs de São João Baptista e de Maria Rainha
Casa da Rainha do Mundo
Rua Nossa Senhora Rainha
6290-337 Gouveia - Portugal
Telefone: 238 492 170
Fax: 238 491 952
casarainha.mundo@sapo.pt
www.irmasjbaptista.org

Revisão e Prefácio

Manuel Barbosa

Posfácio

Conceição Fernandes

Grafismo

Manuel Costa

Tiragem

3000 exemplares

Depósito legal

419308/16

Impressão

Gráfica Almondina
Zona Industrial
2354-909 Torres Novas
Tel. 249830130
Fax: 249830139

Prefácio

Sob o olhar protetor de Nossa Senhora de Fátima

O presente opúsculo «Uma Congregação do nosso tempo» é uma reedição do que foi publicado em 1958. Como nessa altura escrevia no prólogo, a 15 de agosto desse ano, o então Superior Geral da União de São João, Padre Joseph Maria Schultheis, ele «vem mostrar, sobretudo, como nasceu e cresceu a Congregação das Irmãs e Missionários de São João Baptista em Portugal, o país de Nossa Senhora de Fátima que, desde o princípio, dirigiu e guardou a Obra em Portugal». Vale a pena transcrever mais algumas das suas palavras escritas há quase sessenta anos:

«Os Padres, Irmãos, Irmãs e Auxiliares que trabalharam na fundação e desenvolvimento das nossas Casas tomaram alegremente consciência de poderem colaborar na expansão do Reinado de Cristo Rei em Portugal, o que é para eles uma grande graça. Todos eles têm apenas um desejo: trabalhar cada vez mais para a maior glória de Deus, para bem do amado povo português e, em especial, para bem dos pobrezinhos. O melhor meio de realizar esta Obra não será cultivarem uma maior união com Deus e uma pobreza evangélica? Portugal, o país de Nossa Senhora de Fátima é, para eles, a sua nova pátria e os seus filhos são, na verdade, seus irmãos e irmãs. Portugal tornou-se para eles uma terra de trabalho e apostolado

intensos, e nada mais pedem ao Senhor senão que abençoe o seu trabalho junto das almas e que permita que todos aqueles que simpatizam com o seu labor apostólico, lhes deem todo o seu apoio. Assim, descrevemos neste opúsculo a vinda da nova Congregação para Portugal, a sua vida diária, as suas festas, como prova de agradecimento a Deus e de satisfação pela obra até agora realizada, mas também como apelo à caridade benevolente daqueles que nos conheceram».

Fazer memória das origens da presença em Portugal da União de São João, concretamente das Irmãs e Missionários de São João Baptista, é reconhecer e agradecer a aportação de mais um fecundo carisma que veio enriquecer a Igreja em Portugal. Em ano de celebração centenária das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, torna-se ainda mais relevante esta revisitação, pelo facto de a sua vinda para Portugal estar intimamente ligada à mensagem de Nossa Senhora de Fátima.

A Congregação continuou a crescer, estando hoje mais desenvolvida e espalhada em Portugal e pelo mundo. Este impresso não pretende traçar toda essa história mas apenas, repita-se, olhar as raízes que a levaram a vir e permanecer no nosso país.

O opúsculo contém três partes. A primeira, «sob o olhar de Nossa Senhora de Trier», belíssima imagem atribuída a São Lucas e que se encontra na Basílica de São Matias dessa cidade alemã, refere os inícios da Congregação e do seu Fundador, Padre João Maria Haw. A segunda parte, «a romagem pelo Mundo», salienta a expansão da Congregação na Alemanha até à sua vinda para Portugal, por especial intercessão de Nossa Senhora de Fátima. A terceira parte, «o VIII Congresso

Internacional de Cristo Rei», acena à sua realização em Fátima, em 1957, organizado pela jovem Congregação, a quem a Igreja havia confiado a realização destes Congressos.

O escrito termina em 1958 mas a Congregação continuou a crescer pelo mundo e em Portugal, um crescimento sempre iluminado pelo «olhar protetor de Nossa Senhora de Fátima».



Uma Cruz e uma Cruzada

A Cruz das Nações, a Cruz de Aix-la-Chapelle, que a União de São João trouxe a Fátima para o VIII Congresso de Cristo Rei, lembrava aquele grito de São Bernardo, a incitar os povos da Europa à grande cruzada: «Deus o quer!»

Na Idade Média, portugueses e alemães, unidos lado a lado, combateram os inimigos de Deus, de Cristo e da Igreja.

Agora voltam novamente a unir-se. Mas o pregoeiro da Cruzada não é um santo, é a Rainha de todos os santos. É Ela que, nesta hora, clama: «Deus o quer!»

E a Alemanha vem até Portugal, através daquela Congrega-



Diante da Basílica de Fátima, a Cruz das Nações fala à gente portuguesa dos tormentos que a Europa suportou na última conflagração mundial.

ção que, em terras do Reno, foi o arauto da mensagem de Fátima: a União de São João.

Pouca gente conhece esta Congregação que entra em Portugal com intuítos simplesmente religiosos e ascéticos.

Ela pretende ser exército da primeira linha, sem fugir ao sacrifício, ardendo no fogo da caridade.

Mas a União de São João precisa do auxílio do povo português, do seu apoio, principalmente do entusiasmo da sua juventude, do seu espírito de sacrifício, para a realização da Cruzada de Cristo Rei.

A Igreja, hoje como nunca, carece de homens com o sentido de responsabilidade, abrasados no fogo do Espírito Santo.

Não sentir a própria responsabilidade é ser indigno do nome de cristão.

Avante, «Deus o quer!»

Sob o olhar de Nossa Senhora de Trier

As páginas que se seguem, retrato imperfeito de uma grande obra – a União de São João – nasceram, assim como a própria Obra, sob o olhar materno de Nossa Senhora de Trier, uma imagem de rara beleza, atribuída a São Lucas, e que se venera na Basílica de São Matias, daquela cidade alemã.

É a cidade de Trier a mais antiga da Alemanha. E o seu título de glória é aquela imagem de suaves feições e de gesto recolhido, centro espiritual da diocese, a atrair continuamente os romeiros.

Foi sob o olhar materno de Nossa Senhora de Trier que se formou o homem que a Providência destinava à realização da grande obra que vai ocupar-nos por instantes.

Foi ainda sob o olhar de Nossa Senhora – agora Nossa Senhora de Fátima – que esta Obra transpôs as fronteiras da Alemanha, iniciando a sua romagem pelo mundo, ao serviço do nosso tempo.

Aquele rebento dos Haw seria tudo, menos lavrador

Era um pároco da diocese de Trier, na Alemanha. Nascera em maio de 1871, numa pequena vila, nas margens do Mosela, a poucos quilómetros de Trier.

Pertencia a uma família de camponeses ricos, na qual se esti-

mava o trabalho e, mais ainda, a tradição. É que a família dos Haw vivera, no século XVI, a tragédia da revolução protestante na Inglaterra. Foi uma hora grave. Os Haw, postos na alternativa de negarem a Fé ou partirem para o exílio, não hesitaram um instante: partiram.

Na nova Pátria, mantiveram sempre bem acesa a luz da Fé e a fidelidade mais perfeita à Igreja.

Os pais de João Haw, lavradores abastados, transmitiram ao filho grandes qualidades. Do pai herdou a calma e uma tenacidade enorme no trabalho; da mãe, o espírito de oração, a inclinação para a piedade.

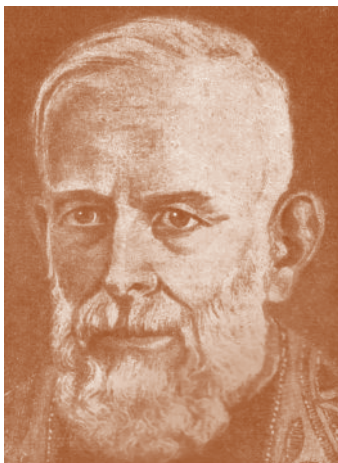
Cedo se revelaram as tendências do rapaz: enquanto o resto da família (eram oito irmãos) se entregava ao trabalho do campo, ele subia para uma noqueira e, ali, à sombra frondosa da sua árvore predileta, mergulhava na leitura. Era claro: aquele rebento dos Haw seria tudo, menos um lavrador.

O pai maneava a cabeça quando via a soberana indiferença do pequeno pelas coisas agrícolas. Se queriam vê-lo entusiasmado, era falar-lhe dos astros...

E o pai começou a traçar os seus planos: o seu filho iria estudar. Mas diante do pai erguia-se a muralha da saúde do filho. Aquela criança enfezada que poderia fazer?

Aquela criança enfezada podia fazer muito, porque o seu espírito era de gigante.

Em 1887, entrou no Seminário Menor de Trier. O descen-



Duma família de camponeses ricos...

dente dos Haw revelou, logo desde a primeira hora, a fibra extraordinária da sua alma. A pouco e pouco, o seu espírito foi-se transformando, perdendo a dureza inata. Nos estudos era o primeiro. Os companheiros tinham por ele predileção singular.

Em 1891, iniciou os estudos em Filosofia. A sua vontade forte vencida a debilidade orgânica. Um pensamento o animava: ser sacerdote. Mas se a falta de saúde lho não consentir, ficará satisfeito por ser um simples minorista. O seu espírito jovial deixou memória nos anais do Seminário.

Mas... o gigante venceu: no dia 30 de março de 1895, foi ordenado sacerdote em Trier.

O encontro de dois gigantes

Na ordenação encontraram-se dois gigantes: o Bispo Miguel Félix Körum, que se notabilizou na luta pela defesa da Igreja contra a prepotência de Bismarque, e aquele jovem macilento, diáfano.

A sua vida sacerdotal iniciou-se na cidade de Coblença, como coadjutor na paróquia de Liebfrauen.

Aquele primeiro contacto com a vida foi uma dura experiência. O Padre Haw não mediu nunca as suas forças, antes de se lançar em qualquer trabalho. E um dia, ao cabo de dezotois meses de labor incansável, as forças acabaram-se. O descendente dos agricultores do Mosela confessou-se vencido. Foi necessário partir para a Suíça, a tratar aquela doença dos pulmões que o colocava em grave risco. Ali deveria ficar, entre a neve das montanhas, durante vários meses. Mas o seu espírito forte não era de molde a aceitar uma derrota. Passados três meses, ei-lo de novo na Alemanha, pronto para o trabalho. Desta vez, confiaram-lhe a cura das almas de uma

freguesia muito pobre. Os seus paroquianos eram, na sua maioria, mineiros das minas de carvão.

Entre mineiros

Ao chegar ao seu novo campo de apostolado, sentiu a alma dilatar-se-lhe. Agora, como antes, não regateará as suas energias. Está ali para se dar todo ao trabalho. Lança os olhos em volta, traça os seus planos.

O seu rebanho é constituído, na generalidade, por gente rude, simples, mas trabalhadora. É gente de Fé. Dentro da mina, antes de iniciarem o trabalho, traçam o sinal da cruz e invocam a sua padroeira Santa Bárbara. O Padre Haw sente a vida dura dos seus fregueses; há de fazer alguma coisa para lhes adoçar a existência, para a tornar mais suave, erguendo-lhes o espírito para o alto. E ei-lo a lançar mão da Liturgia. Ele quer que o seu povo encontre na igreja paroquial um ambiente que contraste ao vivo com a escuridão e os perigos da mina. Tudo respirava grandeza na igreja do Padre Haw: paramentos impecáveis, altar sempre florido, cerimónias com toda a pompa, missas cantadas...

Agora na «Aldeia do Inverno»

Mas o gigante vai outra vez confessar-se vencido. O corpo não ia até onde ia o espírito. E o Prelado viu-se obrigado a enviá-lo para uma nova freguesia muito pequena – Wintersdorf – *Aldeia do Inverno* (é o que significava em língua portuguesa a palavra alemã), na fronteira do Luxemburgo. Aquele clima da montanha ia ser muito benéfico para a saúde do Padre Haw.

Ao chegar ali, o jovem sacerdote contemplou com enorme

tristeza a igreja paroquial, pequena, triste, velha, húmida, teto com enormes brechas. E dentro de si sentiu que não podia repousar enquanto o Senhor não tivesse uma nova *casa*. Pôs a questão ao Prelado e este não disse nada. Como podia dizer *Vai para diante*, se na sua frente estava um candidato a tuberculoso?! Não queria para si aquela responsabilidade. Mas o Padre Haw compreendeu e logo se lançou ao trabalho. Foi um esforço enorme, que deu em resultado uma bela igreja românica. A gente vê a obra e pergunta: como foi possível isto, numa pequena aldeia da montanha, entre gente tão pobre? Como foi possível isto numa pequena aldeia da montanha? Foi possível, graças ao esforço do Padre Haw. Ele animou os seus fregueses, fez-lhes crescer na alma o entusiasmo, escreveu aos amigos e conhecidos, transformando-se em mendigo em favor da sua igreja, que era o seu sonho e a primeira grande obra da sua vida.

Sua majestade o «Rei álcool»

Wintersdorf – a *Aldeia do Inverno* – era uma zona vinhateira. Aqui, como em toda a região dos arredores, a gente era vítima do álcool. O abuso do álcool causava a ruína das famílias e era fonte de grande imoralidade.

O Padre Haw foi incansável no combate ao alcoolismo. No púlpito, no altar, a sua voz erguia-se para condenar o vício. Em seguida, lançou mão da pena para que a sua palavra chegasse ao longe. E saiu um pequeno volume: *König Alkohol – O Rei Álcool*. Em seguida, vieram outras publicações da sua autoria, veio uma revista – *Morgen* – dedicada especialmente ao combate do enorme flagelo.

Estas publicações tiveram enorme sucesso e exerceram grande influência na transformação dos costumes. Apesar disso,

o Padre Haw lamentava-se de que a sua voz fosse como a de João Baptista a pregar no deserto.

Novo campo de apostolado

Eram passados seis anos. Já nas encostas da montanha se erguia a nova igreja que ficará, pelos tempos, a dar testemunho do Padre Haw. Mas, mais que aquele belo templo, dará testemunho o templo das almas, transformadas, embelezadas espiritualmente, por obra do seu apostolado.

Na hora em que o Prelado lhe deu ordem para ocupar o novo posto, a gente da aldeia sentiu ao vivo a perda do seu pastor. Ei-lo agora reitor de um hospital de Trier. O Prelado viu que Deus chamava o Padre Haw a um apostolado que se estendia muito para além da sua paróquia da montanha; por isso o colocou em Trier, no centro da diocese, para que dali a sua ação pudesse irradiar mais facilmente.

A nova posição, se lhe permitiu maior liberdade de movimentos, não era ainda aquilo que a Providência desejava. O Padre Haw sentia dentro de si um chamamento novo. Expôs tudo com sinceridade ao seu bispo. Era o ano de 1909. Com licença do Prelado, foi estabelecer-se em Leutesdorf.

Uma encantadora aldeia do Reno

Leutesdorf é uma encantadora aldeia nas margens do Reno, no sopé das montanhas que vêm morrer à beira da água.

Ali vão lançar-se os alicerces de uma Obra gigantesca que abrangerá toda a Alemanha, para, em seguida, passar as fronteiras.

O Padre Haw comprou uma casa onde se estabeleceu. O seu primeiro pensamento foi continuar a luta contra o alcoolis-



Sobre o fundo das montanhas do Reno, junto das águas do famoso rio, ergue-se a casa-mãe da União de São João.

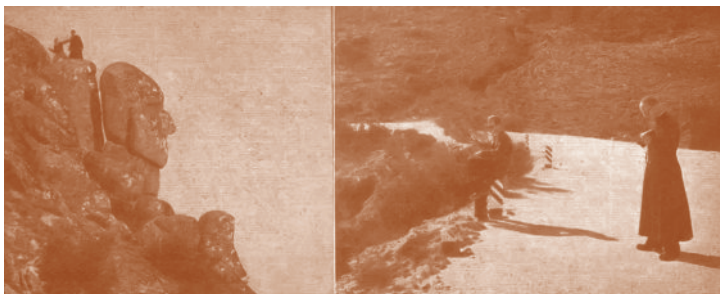
mo. A sua casa transformou-se depressa num lar onde se acolheram alcoólicos desejosos de se regenerarem.

Era um apostolado novo, estranho, e por isso não é de surpreender que o Padre Haw deparasse com enormes dificuldades, não apenas no meio que tencionava modificar, mas também entre o clero. Apesar de tudo, ao seu lado esteve sempre o seu bispo que apreciava, com justiça, as qualidades do Padre Haw.

Não era fácil a transformação dos inveterados no vício. O meio era propício ao abuso: Leutesdorf, na região renana, é a zona que mais vinho produz. Aconteceu algumas vezes que os habitantes do lar, alta noite, vencidos pela tentação, abandonavam a casa e iam para a taberna.

Apesar disso, o Padre Haw, perfeitamente compreensivo, nunca desanimou na batalha que levava em curso.

Mas, em dada altura, sentiu que não podia resumir os seus planos de ação ao que estava a fazer. A sua obra precisava de se completar. E surgiu-lhe a ideia dos retiros espirituais.



A União de São João que nasceu à beira das montanhas, em Portugal procurou a encosta da Estrela, em Gouveia, para lançar as suas bases.

Eram precisos para confirmar no bem os bons e para corrigir os que o não eram.

Leutesdorf transformou-se em centro de espiritualidade, alimentada nos retiros.

Ao lado de Padre Haw, coadjuvando-o no seu apostolado magnífico, surgiu um grupo de almas, senhoras que o seu entusiasmo conquistara. Foi

o começo das Irmãs de São João que durante dez anos – de 1919 a 1929 (ano em que receberam a aprovação canónica) – prestaram ao Padre Haw a mais valiosa das colaborações. Foi este grupo de almas que lhe rasgou horizontes novos.



Em Gouveia, a União de São João tem a seu cargo a Cozinha Económica.

E tudo, até aqui, foi um treino

Foi em 1919 que o Padre Haw teve a primeira ideia da União de São João, incluindo no seu programa a reconquista para Cristo dos *pagãos brancos*.

Era um programa ambicioso, audaz, nascido da sua alma apostólica, profundamente conhecedora das necessidades dos tempos modernos.

Pode bem dizer-se que a Providência, até aqui, apenas treinou o Padre Haw para as grandes jornadas do Apostolado que o esperam.

E será um apóstolo cem por cento moderno: radicado no Evangelho, mas inteiramente virado para a vida.

A pouco e pouco, o programa toma forma na sua alma. Nele avultam duas realezas: a de Cristo e a de Nossa Senhora. Será através da realeza de Maria que o mundo voltará ao reconhecimento da realeza de Jesus Cristo.

Duas figuras do Evangelho se lhe apresentam como resumindo o programa da Obra que idealiza: São João Baptista, o homem que saiu do deserto incendiado no amor de Deus, a pregar o Reino de Cristo; Madalena, símbolo da humanidade desorientada de hoje, da humanidade que urge reconduzir a Cristo.



As Irmãs da União de São João levam aos presos da cadeia de Gouveia a refeição diária.

O Padre Haw sente ao vivo que, se este programa se não cumprir, o mundo caminhará irremediavelmente para a catástrofe.

E quando saiu do campo dos princípios, para dar execução ao seu programa, o novo *pregador do deserto* sabia o que queria, a meta a atingir. Ei-lo a traçar com acerto os seus caminhos:

Formação dos leigos para a Ação Católica

Exercícios espirituais

Devoção ao Santíssimo Sacramento

Apostolado da imprensa

Apostolado social (lares para abandonados e refugiados, cozinhas económicas, recolhimentos para mães solteiras, etc.).

Era um programa ambicioso, que um homem sozinho seria incapaz de cumprir. O Padre Haw, que tanto trabalhou e sofreu já na sua vida apostólica, roga no íntimo da alma ao Senhor que lhe depare aqueles que hão de colaborar com ele na realização do mais belo sonho da sua vida.

E nasceu a União de São João

Não tardaram a surgir as primeiras vocações; gente que, para além da derrocada atual, vê a possibilidade de se erguer para Cristo um mundo mergulhado no materialismo.

Aquele grupo de senhoras que coadjuvavam na obra dos retiros, foi o ponto de partida da União de São João, um edifício gigantesco, no qual a variedade de instituições ia reunir-se na unidade mais perfeita, na mais estreita conjugação de esforços. O ideal era o do grande Pregador do deserto.

Embora os Missionários de São João sejam posteriores

no tempo às Irmãs de São João, falemos deles, antes de mais.

São uma associação de Padres e Irmãos, unidos pelos votos monásticos, para a realização do programa do Fundador. A sua atividade, como diz o próprio nome, é eminentemente missionária.

Cada um, padre ou leigo, ocupará o seu posto, um posto bem definido, e para todos haverá que fazer: nas oficinas, na imprensa, nos serviços domésticos, na obra dos retiros, em missões pela Alemanha...

Os Missionários de São João receberam a aprovação canónica em 1948.

O Padre Haw reconheceu imediatamente a necessidade de se recrutarem novos membros que viriam substituir os operários da primeira hora. E fundou a Escola Apostólica de Mogúncia, sob o patrocínio da Santa Teresinha do Menino Jesus. Aos jovens deu-se, desde logo, uma cultura sólida, tanto literária como espiritual e teológica. Depois de fazerem o curso do liceu, entravam a frequentar as Faculdades de Filosofia e de Teologia, em Mogúncia.

E, assim, o pequeno grão de mostarda se desenvolveu, ao mesmo tempo que lançava raízes, garantia a solidez futura da árvore.



As futuras irmãs de São João avançam para a tomada de hábito.

E este pequeno núcleo de Missionários lançou-se amorosamente ao trabalho, sob a orientação do Chefe esclarecido. É que não basta traçar planos no papel, é preciso realizá-los na vida.

As Irmãs de São João

As Irmãs de São João desempenharam, desde o começo, um papel de enorme alcance na União de São João, desenvolvendo enormemente as suas virtualidades, rasgando-lhe possibilidades novas no campo social e no setor da imprensa católica.

Um ramo especial dedica-se à vida contemplativa. E este ramo é uma força singular, a amparar todas as iniciativas, a dar fecundidade a todos os trabalhos dos membros ativos.

E ei-las, as Irmãs de São João, entregues, nas paróquias, sob a orientação dos párocos, ao ensino religioso; ei-las na orientação dos organismos femininos da Ação Católica, na assistência a mulheres e raparigas transviadas, coadjuvando os Missionários de São João em todas as suas iniciativas.

Merece ser destacada a colaboração preciosa nos trabalhos da Imprensa católica. É que a União de São João é o centro do Apostolado da Imprensa para toda a Alemanha, desenvolvendo, neste campo, uma atividade notável.



Em Gouveia (Beira Alta), as Irmãs trabalham na expedição de livros e revistas.

A guerra, aquele monstro...

A guerra foi particularmente tormentosa para a União de São João. Não foram apenas as destruições materiais, foi sobretudo a perseguição que a Gestapo lhe moveu por causa da sua projeção social e do seu apostolado no campo da Imprensa. Todos os bens materiais, dos edifícios às máquinas tipográficas, foram confiscados.

Os membros da União foram dispersos, muitos partiram para os campos de batalha, outros foram mobilizados pela polícia secreta.

Enquanto a tempestade rugia, o Padre Haw conservava-se em Berlim. Aproveitou essa pausa forçada na sua atividade para dar os últimos retoques nas Regras. Ali, tão perto do quartel-general da perseguição, ele continuava a ser a inteligência que pensa e o coração que sente. A ele recorriam os seus *filhos* dispersos em meio de borrasca, pedindo uma palavra de conselho e conforto. A toda a parte chegavam as palavras do Superior.

Um mês antes da chegada dos russos a Berlim, o Padre Haw saiu para a Baviera. E não foi uma fuga. Até à última hora recusou-se a sair. Queria viver com os seus *filhos* as horas trágicas do fim da guerra. Mas foram precisamente eles que lhe suplicaram que partisse. Naquela hora, a Congregação precisava, mais do que nunca, de salvar o seu Fundador. Indeciso entre o partir e o ficar, fez aos seus a seguinte proposta: *Vou ver se consigo passagem no comboio: se a conseguir, partirei. É o sinal que Deus me dá. Se não conseguir, ficarei convosco.* A tentativa surtiu efeito, apesar de ser muito difícil arranjar lugar naquela hora. O Padre Haw seguiu para Baviera. Era o mês de março de 1945. A guerra terminou em maio seguinte. Eis, agora, o Superior da União lançado numa tarefa que ex-



O espírito apostólico do Padre Haw incarnou naqueles que lhe herdaram a missão.

cedia em muito as suas forças, e, para mais, gastas durante os anos duros da guerra.

Na sua frente está uma Congregação em ruínas, está uma Nação desmoronada espiritualmente. Ei-lo, como nos anos da juventude, entusiasticamente ao trabalho, sem medir as forças que não tem, mas fiado exclusivamente no seu muito amor a Cristo e à Igreja.

A pouco e pouco, torna a erguer a sua obra. As oficinas tipográficas voltam a animar-se com o movimento das máquinas. As ruínas que se acumulam à sua volta não o deixam insensível. Para as raparigas caídas funda casas de regeneração. Para os refugiados de guerra cria lares em Mogúncia, Bona e Colónia.

Os lares desempenharam na Alemanha devastada pela guerra uma missão providencial. Foram autênticos refúgios de milhares e milhares de deslocados, sobretudo de raparigas que fugiam da zona russa.

E a União de São João, caracterizada sempre por um admirável poder de adaptação à vida, à medida que as circuns-

tâncias evoluçionaram, foi transformando os lares para refugiados em asilo de velhos, hospitais para crianças, lares para raparigas que estudam na cidade, para trabalhadores...

Uma luz que se apaga

Quem presidia a esta obra do após-guerra era o Padre Haw. Instalado agora em Leutesdorf, à beira do Reno, dali tudo orientava.

Em 1947, o trabalhador incansável sente que as forças começam a faltar-lhe. Uma doença terrível minava-lhe a saúde impiedosamente.

No dia 28 de outubro de 1949, a sua vida extinguiu-se suavemente, com aquela suavidade que sempre caracterizou a sua existência. O seu corpo lá está num jazigo-capela, à beira do Reno, entre tufos de flores odoríferas como a sua vida.



A romagem pelo Mundo

Aquele que levou a Congregação para fora da Alemanha

Era um gigante no corpo e na alma, o sucessor do Padre Haw. Nasceu nos arredores de Trier onde estudou e se ordenou. Tinha trinta e dois anos quando veio alistar-se na União de São João. Foi ele o braço direito do Fundador, principalmente nas horas tempestuosas da guerra. Os serviços de Berlim, no após-guerra, foram organizados por ele com uma coragem indômita e com uma serenidade sobrenatural, em meio de muitas dificuldades.

O Padre Petrus Maria Appel nascera em 26 de outubro de 1905 em Sarburgo, no coração de Sarre. Foi ordenado sacerdote em 3 de agosto de 1930; professou na União de São João em 6 de maio de 1948, falecendo em Leutesdorf no dia 2 de maio de 1957.

O que saltava aos olhos daqueles que com ele contactavam um instante eram duas qualidades aparentemente antagónicas, mas



Era um gigante, no corpo e na alma, o sucessor do Padre Haw.

que nele se coadunavam numa aliança perfeita: um rigor extraordinário e uma bondade tocante. O rigor era todo para consigo; a bondade cativante, para o próximo.

A Congregação, durante os breves anos do seu mandato, cumpriu integralmente, com fidelidade exata, o programa do Padre Haw.

la caber ao Padre Appel a responsabilidade de uma decisão, que só um homem da sua envergadura teria coragem para tomar diante de Deus.

Fátima, a voz do grande apelo

A decisão que o Padre Appel tomou foi levar a Congregação para além das fronteiras da Alemanha. O país escolhido foi Portugal. Seria este o primeiro passo da expansão no mundo. E tudo nasceu daquela tormenta medonha que assolou a Alemanha e, particularmente, Berlim. Enquanto a guerra semeava ruínas de toda a ordem, matérias e morais, enquanto a



Fátima trouxe a União de São João para Portugal.

metralha arrasava bairros e bairros, uma devoção conquistava os corações, uma mensagem sacudia as almas como um pregão salvador: a mensagem de Fátima.

Os tanques russos avançavam sobre a capital. E, naquele avanço, adivinhavam-se as piores coisas. Foi então que a alma dos católicos alemães se prendeu mais profundamente

a Fátima. Paróquias inteiras de Berlim consagraram-se ao Imaculado Coração de Maria de Fátima. E os lares onde a imagem de Nossa Senhora fora entronizada, viram-se miraculosamente poupados às infâmias que o vandalismo das tropas vermelhas espalhara na maior parte dos restantes.

Foi assim que a Congregação se prendeu a Fátima. Mais tarde, terminada a guerra, foi ainda a União de São João que se fez o arauto da

Mensagem de Fátima através de toda a Alemanha.

Durante dois anos o Padre Karl Pfister, atualmente em Portugal, professor no Seminário que a Congregação agora possui em Gouveia, percorreu a Alemanha inteira na mais prodigiosa das missões. A imagem de Nossa Senhora de Fátima, transportada num carro, visitou uma boa parte das paróquias alemãs, recebida entusiasticamente pelo povo que vinha em procissão a aclamar a Branca Rainha. O Padre Karl Pfister teve dias de pregar seis vezes, durante aqueles dois anos, que não pode esquecer por serem os mais belos da sua vida.

Após um dia de esgotante trabalho, lá vinha a noite que se passava no confessionário a escutar confidências de almas a quem a Senhora tocara o coração. A maioria dos párocos declarou que a visita de Nossa Senhora valera pela mais proveitosa das missões.

A par disto, um acontecimento fortuito, na aparência, mas



O Padre Karl Pfister percorreu a Alemanha pregando a mensagem de Fátima.

sem dúvida dentro dos planos da Providência: o encontro de Rosel Sumner, uma assistente social de Berlim, com o Dr. Aureliano Gonçalves que lançara em Gouveia as bases de uma esplêndida obra de apostolado da Imprensa.

Andava o Dr. Aureliano empenhado em encontrar uma Congregação religiosa que pudesse assumir a direção da Casa Nun'Álvares e fazer dela a grande editora católica que ele sonhara. Aquele encontro com Rosel Sumner levou-o a Leutesdorf onde se planeou a vinda da União de São João para Portugal.

A grande data: 14 de abril de 1956

A 14 de abril de 1956 chegaram a Gouveia os primeiros religiosos da Congregação, instalando-se na *Vila América*. Eram três Irmãs de nacionalidade alemã e uma postulante portuguesa. Encontraram uma casa deserta, debruçada sobre um panorama deslumbrante. Naquela noite, sentaram-se em volta de uma pobre mesa – a única que existia em casa – e sobre ela comeram o pão do seu *exílio voluntário*. Afeitas à pobreza, encontraram prazer naquele ambiente de desconfor-



Eram três irmãs de nacionalidade alemã...

to. E a mesa tosca, logo no dia seguinte a transformaram em altar, para que o seu sacrifício estivesse mais perto do grande sacrifício de Jesus Cristo.

Foram assim os começos da Casa da Rainha do Mundo,

que, um mês depois, abria em novo edifício, mais no coração da Serra.

As três Marias, primeiras vocações

Cumpriu-se à letra o Evangelho: a luz não se acende para se meter debaixo do alqueire.

A luz brilhou, produziu nas almas um alvoroço. Vieram atraídas por ela, as primeiras vocações. No dia 31 de maio, são já três as postulantes, as *três Marias*: Maria da Fé, Maria da Esperança e Maria da Caridade.

No dia 15 de outubro, festa de Santa Teresa de Jesus, realizou-se a primeira *vestição*. Nesta data eram sete as postulantes, uma oriunda do Algarve.

Entretanto, a Casa da Rainha do Mundo, um belo cenáculo entre flores, transformara-se em colmeia laboriosa.

Dia de uma Religiosa

Vale a pena acompanhar a vida desta comunidade que, em plena Serra da Estrela, vive o suave espírito do Carmelo.

Às 5 horas da manhã desperta a *colmeia* para o trabalho do dia. E, logo às 5,20 horas entra na capela para a reza de Laudes, Prima e Tércia. É a sua oração da manhã, tirada do Breviário romano, cuja recitação faz parte das obrigações da comunidade. Segue-se meia hora de meditação e a Santa Missa. A ação de graças é a reza de *Sexta*, do Breviário.

Após o pequeno almoço, a *colmeia* dispersa-se, partindo cada uma para o seu trabalho, um trabalho sério, de larga projeção.

Um vão para o escritório onde as esperam os serviços de administração (serviços excecionalmente pesados), o trabalho



A adoração perpétua é o fulcro da prodigiosa atividade da União de São João.

de expedição de livros, revistas e jornais, a encadernação... Outras dirigem-se à Cozinha dos Pobres, que lhes foi entregue pelo Município, frequentada por cerca de meia centena de velhos e indigentes.

Algumas trabalham na Escola Infantil, frequentada por crianças dos três aos sete anos; outras no Patronato, para rapari-

gas que já fizeram a quarta classe. Um grupo tem a seu cargo os serviços de tradução e redação; outro dirige-se à cadeia comarcã, levando aos presos as refeições diárias, a par de um bom conselho e de uma palavra de alento. Há quem trabalhe na catequese paroquial três vezes na semana...

Ao meio dia, a comunidade volta a reunir-se para a reza de Noa e Vésperas, a que se segue o almoço e o recreio. E é ver então a alegria esfusiante daquela juventude que deixou tudo para servir a Igreja.

Às 15,30 horas o trabalho recomeça com a mesma seriedade e o mesmo afinco.

Às 17,30 horas é a reza de Matinas a que se segue o terço e o jantar.

Às 20,30 horas é a oração da noite, a reza de Completas. E às 21 horas a *colmeia* repousa.

Repousa? Não é perfeitamente exato. Na *Casa da Rainha do Mundo* existe a Adoração permanente.



Os dois temperamentos – o alemão e o português – adaptam-se maravilhosamente.



E é ver então a alegria esfusiante daquela juventude que tudo deixou para servir a Igreja.

O Senhor está solenemente exposto na Sagrada Custódia, revezando-se as Irmãs, dia e noite, na Adoração reparadora do Santíssimo Sacramento.

Assim realizam o chamamento que Nossa Senhora dirigiu em Fátima, dizendo: «*Rezai* e fazei muitos sacrifícios pelos pecadores; pois vão muitos para o inferno porque não há ninguém que reze e se sacrifique por eles». E ainda: «Se cumprirem os meus pedidos, a Rússia converter-se-á...». É ainda de acordo com a Mensagem de Fátima que rezam a todas as horas, ao revezarem-se na Adoração, a Oração do Anjo: «Meu Deus, eu creio...».

A Casa da Rainha do Mundo é um verdadeiro cenáculo, perfumado do suave odor da Eucaristia.

Mãos juntas em oração

Nas paredes da Casa da Rainha do Mundo, encontram-se, talhadas artisticamente em madeira, duas mãos juntas em oração. São muito espiritualizadas, ascéticas, a sair das mangas de um hábito que se imagina monástico.

São as famosas mãos que o génio de Alberto Dürer, o artista que realizou a fusão da forma meridional com a expressão germânica, idealizou.

Estas mãos, na Casa da Rainha do Mundo, são, a par de um suave convite, um símbolo, símbolo da vida espiritual e eucarística, que é a alma de toda a atividade que se desenvolve intensamente no seio daquela *colmeia* religiosa.

E isto é apenas o começo da obra projetada. Amanhã, com a ajuda de Cristo Rei, os trabalhos multiplicar-se-ão.

Um interlocutor invisível responde

A muitos se afigurou difícil, se não impossível, a adaptação da fleuma alemã à vivacidade meridional. Procurámos saber se esta dificuldade se fizera notar.

– A Congregação adapta-se ao temperamento português? – perguntámos.

E o nosso interlocutor respondeu:

– Os dois temperamentos, o alemão e o português, ajustam-se maravilhosamente.

– O progresso tem sido grande? – insistimos.

– Atualmente: 6 postulantes, 20 noviças e 4 professoras.

– Quais as devoções fundamentais da Congregação?

– A Adoração permanente, a devoção a Nossa Senhora, Rainha do Mundo, para que venha a nós o reino de Cristo Rei.

– E cuida-se da cultura das postulantes?

– Há uma professora especialmente encarregada dessa missão.



Lançamento da primeira pedra do Seminário da União de São João, em Gouveia.

Os Missionários de São João Baptista

Apenas a *Vila América* ficou vaga pela instalação das Irmãs de São João no seu novo edifício, os Missionários de São João Baptista, cujo primeiro Superior em Portugal é o Reverendo Padre João Czepanski, estabeleceram-se na casa devoluta para iniciarem as suas beneméritas atividades.

Sabemos já que a Congregação se compõe de padres e leigos, todos ligados pelos votos monásticos de obediência, castidade e pobreza. O seu noviciado continua sendo em Leutesdorf. Os irmãos leigos trabalham na tipografia, oficinas e no serviço de casa.

Logo os Missionários de São João que haviam adquirido a Gráfica de Gouveia se lançaram ao trabalho, no intuito de cumprirem em Portugal a missão que lhes estava preceituada nas suas Regras.



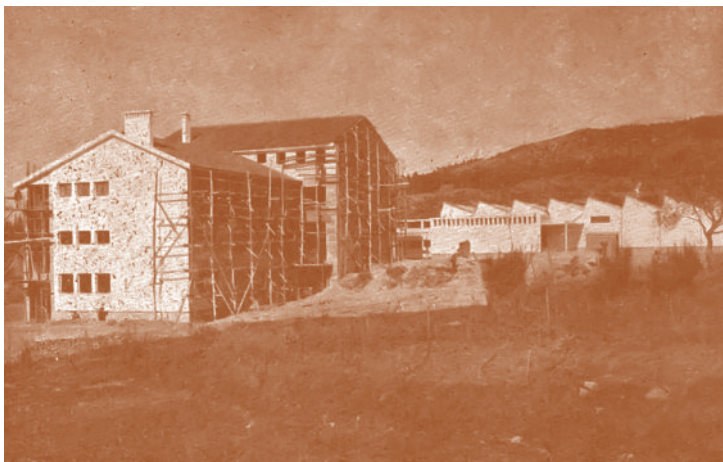
Está nesta gente moça, os primeiros alunos do Seminário da União de São João, a esperança da nova Congregação.

Uma nova tipografia e um Seminário

Entretanto, porque era acanhado o edifício onde estava instalada a Gráfica, e porque urgia começar a formação sacerdotal daqueles que amanhã hão de continuar entre nós a União de São João, traçou-se um plano audacioso para a construção, a meia-encosta da Estrela, num local sobranceiro à vila, de um edifício grandioso onde ficarão instalados o novo Seminário da União e a tipografia.

Trabalhando num ritmo acelerado, conseguiu-se erguer em poucos meses o edifício da tipografia onde se encontram instalados todos os serviços respetivos e a complicada maquinaria que inclui uma rotativa que imprime a três cores.

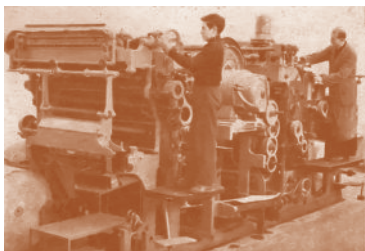
Também o edifício do Seminário, na sua primeira fase, está em vias de conclusão. De linhas modernas, um tanto audaciosas, ele representa bem o espírito novo da Congregação que nasceu das necessidades do nosso tempo e para elas.



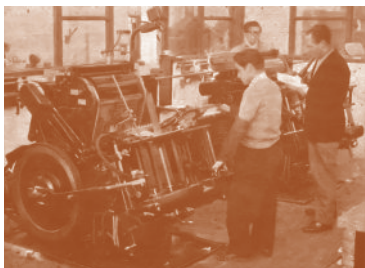
Ei-lo, o novo Seminário, a erguer-se nas suas linhas elegantes, esbeltas, nos contrafortes da Estrela. Ao fundo vê-se o edifício da tipografia.



Diante das máquinas de compor rasgam-se horizontes novos. O Apostolado da Imprensa ocupa, na União de São João, um lugar de excepcional relevo.



Esta rotativa que imprime a três cores tem uma história gloriosa. Após o seu batismo de fogo na última guerra, prepara-se para desempenhar, nos contrafortes da Estrela, a sua missão benemérita.



Não podem deter-se um instante as pequenas impressoras Heidelberg. O tempo urge e o trabalho aperta.

Levantado sobre o dorso da Estrela, onde a neve vem misturar-se com o verde-escuro da floresta, olhando de frente a imensa cova que se estende até ao Caramulo e ao Buçaco, o novo Seminário da União de São João acolhe neste momento os três primeiros anos de curso, 70 jovens portugueses que ali se preparam no estudo e na oração para o trabalho que os espera, uma missão cem por cento atual, dos nossos dias.

Irmãos leigos, exército escolhido de Cristo Rei

É frequente ouvir afirmações como esta: *Padre, sim: irmão leigo, não!* E por detrás destas afirmações está a mentalidade errónea, defeituosa, segundo a qual só vai para irmão leigo quem não presta para outra coisa. Nada mais falso. O irmão leigo tem uma missão nobre a cumprir, em benefício da sociedade.

Vem comigo a Mogúncia, à Casa Mãe de Leutesdorf, a qualquer outra das casas da União de São João onde está a mocidade, a mocidade que se arrancou à rua, ao vício.

Vem comigo e verás como é nobre, sublime, a missão do irmão leigo que regenera a juventude, que lhe ensina um ofício... Quantas vezes esses rapazes voltam, de lágrimas nos olhos, com a alma cheia de reconhecimento, a agradecer todo o bem que se lhes fez, o ter-se-lhes dado a possibilidade de serem cidadãos prestimosos e cristãos conscientes.

Por detrás das afirmações erróneas, sente-se o espírito materialista do nosso tempo. Hoje o mundo avalia os homens pelo lugar que ocupam, pelo dinheiro que ganham. No Reino de Cristo, porém, os valores autênticos são diferentes: os homens valem segundo a sua coragem, a sua prontidão para o sacrifício, para o cumprimento do dever. E o dever custa tanto mais a cumprir quanto mais humilde, menos conhecido. Há mais nobreza de carácter em trabalhar, silenciosamente, à



O Irmão leigo deixa tudo para servir a Igreja; e isto rasga-lhe horizontes novos na vida. O sacrifício da sua mocidade é garantia do cem por um do Evangelho.



Aproveitando os momentos de recreio, os Irmãos preparam-se para entoarem os louvores divinos.

margem dos louvores humanos, do que em procurar a glória que perece e passa.

Um irmão leigo que trabalha com uma máquina, numa carpintaria, talvez com rapazes que estão a ser regenerados, ou coadjuvando os missionários no seu trabalho espiritual, tem um merecimento enorme, que Deus recompensará.

O irmão leigo não é um diminuído. No mundo poderia ser um chefe de oficina, poderia ocupar um posto de comando; mas ele renunciou a tudo isso, voluntariamente, por amor de Deus.

E os homens acabam por apreciar, em seu justo valor, o esforço destes humildes servidores de Cristo, que trabalham unicamente pelo ideal.

A região de Rur, na Alemanha, está neste momento a presenciar um facto emocionante: multidões de romeiros, principalmente trabalhadores de minas de carvão, encaminham-se para o sepulcro de Frei Jordão, um humilde irmão leigo, falecido há

poucos anos. Diz-se que, no sepulcro de Frei Jordão, os milagres se multiplicam. A morte do humilde frade do convento de Dortmund teve qualquer coisa de singular: naquele dia pediu ao superior que lhe desse a Santa Unção. O superior achou estranho o pedido do religioso, que o mais que podia ter era uma constipação, e recusou.

Frei Jordão submeteu-se. Pela tarde, voltou a insistir. E o superior, que conhecia a virtude do irmão, aquiesceu. Daí a pouco Frei Jordão morria.

E logo à roda do sepulcro daquele que não fora um cientista nem um organizador, mas um simples criado de Deus e dos homens, os milagres se multiplicaram.

Impõe-se que a mocidade tome por honra o serviço de Cristo numa vida pobre, obediente e casta, na certeza de que estará na primeira fila de combate por um mundo melhor.



Nesta casa, entre tufos de flores, estão provisoriamente instaladas as Irmãs de São João Baptista.

O sorriso do irmão leigo

Vamos encontrá-lo trabalhando silenciosamente no meio do ruído das máquinas. As suas mãos hábeis manejam sem hesitação os vários instrumentos duma oficina de encadernador. Para ele o trabalho é mais que uma honra.

Aquele homem de face angulosa, de rosto marcado pelo sofrimento, entreviu um dia, no meio

dos campos de batalha, um ideal diferente. No mundo, tinha uma posição invejável. Quando o canhão se calasse, poderia gozar uma vida cómoda.

O canhão emudeceu, e ele, com espanto de muitos, trocou as comodidades pelo trabalho anónimo na vida religiosa. Ei-lo na sua oficina. O seu esforço não é para enriquecer, mas para dilatar o Evangelho. Para ele, o trabalho é mais que uma honra, é... *um sacerdócio*.

Ei-lo numa carpintaria. O seu porte de atleta, quase gigante, causa-nos admiração. A sua juventude robusta, a sua inteligência aberta, a sua habilidade de artista estão claramente patentes na perfeição da obra que sai da máquina prodigiosa por obra do seu engenho.

E a gente pergunta:

- Este operário, altamente especializado, quanto ganha?
- Ontem ganhava milhares, hoje não ganha nada. Tem voto de pobreza. É um irmão leigo. Tudo deixou por Deus.



Na carpintaria, o irmão-chefe da oficina executa com todo o rigor, em máquinas que são a última palavra da técnica, o trabalho de madeira para o novo Seminário em construção.

E o irmão leigo sorri, não de tristeza, mas de contentamento e alegria, a alegria de saber que *vale a pena servir a Deus*.

* * *

Debruçado sobre uma secretária, num escritório, nem sequer dá pela nossa presença. Todo ele se concentra no seu trabalho. As contas, é forçoso que saiam certas...

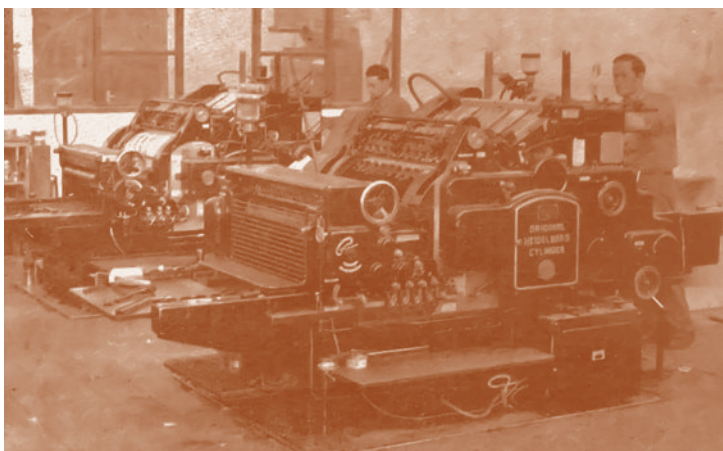
Contemplamo-lo em silêncio. Na sua fronte cava-se uma ruga. Os cabelos louros começam a rarear na sua cabeça.

Este homem, pensámos, poderia ser o cérebro de uma grande empresa. Com a sua atitude, responde-nos:

– E que maior empresa do que esta de trabalhar pela dilatação do reino de Deus?

* * *

A *Heidelberg*, máquina de impressão, maravilha da indústria alemã, arrancou. Toma a folha em branco para a restituir enriquecida de saber e arte.



«Preso à minha máquina, sou uma espécie de pregador...»

O irmão leigo vigia. O seu olhar não se desprende daquela maravilha da técnica.

Numa grande oficina, este homem ganharia rios de dinheiro. – Preso à minha máquina, sou uma espécie de pregador que leva ao longe e ao largo a palavra de Deus – responde-nos com legítimo orgulho.

Surpreendemo-lo debruçado sobre a horta. As suas mãos



Os pioneiros do novo Seminário, em Portugal.



Montado na sua motocicleta, o Irmão leigo parte para o cumprimento do dever.



O Padre Czepanski vê, com júbilo, a confraternização dos novos seminaristas com os Irmãos.



O sorriso do Irmão leigo traduz a alegria do serviço de Deus.

queimadas do sol acarinham as plantas, que vê crescer com enlevo. É o irmão hortelão.

Enquanto nos saúda, o sorriso desabrocha-lhe nos lábios: um sorriso amável, encantador como aquelas leiras verdejantes. E no rosto daquele homem lê-se toda a altivez de colaborar tão intimamente com todos aqueles que consagraram ao serviço de Deus a sua vida.

O sorriso do irmão hortelão é um desmentido de todos os sofismas, de todas as lendas tecidas à volta do negrume da vida religiosa.

Ele sorriu como sorriu Nuno Álvares, humilde irmão leigo, depois de ter sido Condestável de Portugal.

Irmão leigo, uma máquina de trabalho?

Falseiam o ideal de irmão leigo aqueles que o supõem um criado de servir ou uma máquina de trabalho.



Morte de Fr. Godfredo, chefe da carpintaria em Gouveia. Pereceu tragicamente num desastre, mas após ele ficou a lembrança duma vida integralmente religiosa.

O irmão leigo vive para o Espírito e do Espírito. O trabalho, para ele, é ainda uma realização do Espírito. É assim para ele, como para mais ninguém.

Levanta-se o irmão leigo com o sol. Na encosta da Serra, o lençol de neve rebrilha intensamente. Um novo dia começa. A sua alma ergue-se para Deus.

Ei-lo ao pé do altar, enchendo a inteligência de luz, numa meditação profunda. Aquela meditação é a grande amarra da vida. Ali se planeia um novo dia de trabalho, ali se traçam projetos de virtude.

Depois, na renovação incruenta do Calvário, que é a Missa, na comunhão do Corpo de Cristo, haure a força para a execução dos seus planos.



Sobre os ombros destes dois homens – o Padre João Czepanski, reitor do novo Seminário de Gouveia, e o Padre Carlos Pfister, apóstolo da devoção a Nossa Senhora de Fátima na Alemanha e professor do Seminário de Gouveia – o Geral da Congregação, Padre Appel, colocou o pesado cargo de estabelecerem e desenvolverem a União de São João em Portugal.

Agora já pode partir para o seu campo de trabalho. Alma e nervos alcançaram a têmpera necessária para o cumprimento do dever. Lá está ele na posse plena de si, num equilíbrio admirável, numa altivez humilde, sabendo-se colaborador da Igreja, continuador dos homens que fizeram a Europa, que arrotearam campos, desbravaram as florestas, fundaram cidades...

Não entesoura no mundo? Também os seus antecessores não entesouraram no mundo. Mas



*É junto do altar que o Irmão leigo planeia
um novo dia de trabalho.*

o mundo só progride por obra daqueles que têm coragem para entesourar na Eternidade. Os outros desaparecem com o tempo.

É meio-dia. O sol brilha agora com mais intensidade. O lençol de neve é todo ele um clarão. Toca às Ave Marias. O irmão leigo recolhe-se um instante, saúda a Grande Senhora e par-

te. Aos pés do altar, em breve exame de consciência, vê o que foi aquela manhã, confronta a vida com os planos da sua meditação.

Depois, é o almoço frugal do homem que come para viver, e não vive para comer. Retemperadas as forças e distraído o espírito num breve recreio, regressa ao seu trabalho com entusiasmo novo.

Quando, à noite, regressa ao seu quarto para descansar, a neve branca da encosta da montanha aponta-lhe o ideal duma vida sem mancha, pelo qual tudo trocou, tudo o que é humano e transitório. E as estrelas que brilham no céu azul trazem-lhe as saudades de Deus, por Quem tudo deixou.

* * *

Não sentes na tua alma a voz do chamamento? Não queres ser colaborador, futuro obreiro duma magnífica obra religiosa e social, inspirada no Evangelho e ao serviço do Evangelho?

O VIII Congresso Internacional de Cristo Rei

O VIII Congresso Internacional de Cristo Rei, realizado em Fátima de 11 a 13 de agosto de 1957, foi uma demonstração admirável da transcendência de pensamento católico, expresso numa série de lições de grandes vultos da atualidade. Foi, simultaneamente, uma demonstração de capacidade organizadora e da projeção mundial da jovem Congregação, à qual a Igreja confiou a realização dos Congressos de Cristo Rei.



O Senhor Núncio Apostólico, Mons. Fernando Cento, preside em Fátima à inauguração do 8.º Congresso de Cristo Rei. Saúda Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Léon Lommel, bispo do Luxemburgo. À direita, o Reverendo Padre José Schultheis, 3.º Superior Geral da União de São João.

A escolha de Fátima para sede do VIII Congresso é facilmente explicável em face do que atrás se disse sobre as relações íntimas entre a União de São João e Fátima.

O VIII Congresso de Cristo Rei atraiu à Cova da Iria uma multidão de personalidades ilustres de todos os pontos do mundo católico.

Vamos dizer, em síntese brevíssima, o que foi esta magna assembleia de eminentes figuras da intelectualidade universal.

O Senhor Núncio Apostólico celebra o Pontifical da abertura



Mons. Fulton Sheen (à direita) e Mons. Léon Lommel, Bispo do Luxemburgo, trocam impressões em Fátima sobre os trabalhos do 8.º Congresso de Cristo Rei.

O Pontifical solene de abertura foi celebrado pelo Senhor D. Fernando Cento, Núncio de Sua Santidade em Portugal, com a Basílica completamente cheia de delegados portugueses, espanhóis, franceses, alemães, luxemburgueses, chineses, etc. Entre os assistentes, figuravam os senhores Dr. Sellos, Embaixador da Alemanha em Lisboa; Dr. Hans Haberer, antigo Ministro do mesmo país;

Dr. Joaquim e Dr. Alberto Dinis da Fonseca. Assistiram ainda os senhores D. Fulton Sheen, Bispo Auxiliar de Nova Iorque, escritor eminente e grande Prelado da televisão americana, D. Léon Lommel, Bispo do Luxemburgo, e o Bispo Auxiliar de Leiria.

Alocução do Senhor Núncio Apostólico

No momento próprio, o Senhor D. Fernando Cento, falando em francês, fez uma brilhante alocução, em que afirmou nomeadamente:

«Belíssima e louvável iniciativa a vossa, senhores congressistas, a de pôr diante da consciência do mundo esta exigência suprema para a sua salvação: *Cristo deve reinar*».

«Fátima! Esta palavra desperta as mais doces e mais fundas emoções em todos os crentes do mundo católico. Não foi daqui que a Virgem lançou a sua mensagem de esperança e de misericórdia? Não foi aqui que Ela estabeleceu o seu trono? E o trono da Mãe não pressupõe o do Filho? Terra mil vezes bendita esta que pisamos e onde nos sentimos mais perto do Céu! Feliz inspiradora, Maria, proclamada por Sua Santidade Pio XII



Sua Santidade o Papa Pio XII envia a sua bênção ao Congresso.

Regina Mundi, prodigalizar-vos-á nestes dias a abundância das suas luzes a ajudar-vos-á com o seu poderoso auxílio, para a total realização dos vossos votos».

«Agora, deixai-me dizer-vos que o momento escolhido para este Congresso não poderia ser mais oportuno, dada a situação geral do mundo. Efetivamente, contra o exército que proclama os direitos imprescritíveis de Cristo à realeza, outro existe, que a tal se opõe com audácia, impelido por uma raiva satânica. Também ele tem a sua palavra de ordem, expressa pelas vociferações dos Escribas e dos Fariseus no pretório de Pilatos: «*Nolumus hunc regnare super nos*» [«Não queremos que este homem reine sobre nós»].

«Este singular contraste de atitudes diante d’Ele já foi profetizado pelo velho Simeão: «*Positus est hic signum cui contradicetur*» [«Está aqui para ser sinal de contradição»].

«Na realidade, seja durante a vida ou seja depois da sua ressurreição, e sempre ao longo de vinte séculos, Ele foi objeto de amor apaixonado e de ódio mortal».

«Era inevitável, era fatal: Ele é a verdade, a única Verdade e – vós o sabeis – *Veritas odium parit* [a verdade gera o ódio], segundo a palavra do Poeta».

«Mas – deve reconhecer-se – nunca esse ódio contra o Fundador do Cristianismo e da sua Igreja atingiu tão desregrada violência como nos tempos atuais».

Pio XII envia a sua bênção ao Congresso

Na primeira sessão de trabalhos a que presidiu o Núncio Apostólico, ladeado pelos senhor Bispo do Luxemburgo e o Padre José Schultheis, terceiro Geral da União de São João, falaram os Senhores: D. Léon Lommel, que ofereceu um lindo ramo de flores de Fátima ao Senhor Núncio Apostólico; o



Padre José Schultheis, 3.º Geral da União de São João.

Professor Dr. Weter, SJ, de Roma, que desenvolveu o tema «O materialismo dialético, a maior ameaça do Reino de Cristo no nosso tempo»; o Professor Dr. Gethard Noehra, de Berlim, que falou de «As consequências do materialismo dialético na família e na escola».

O Senhor Bispo do Luxemburgo leu a seguinte carta autografada de Sua Santidade o Papa Pio XII aos congressistas.

«Aos nossos diletos filhos, que participam no VIII Congresso Internacional de Cristo Rei, reunidos em Fátima, enviamos de coração generoso a nossa paternal Bênção Apostólica.

Que ela lhe seja garantia dos trabalhos feitos e de resoluções firmes.

Que ela faça descer, por intercessão da Virgem Imaculada, sobre o Congresso, a abundância das Graças Divinas, para que os espíritos sejam esclarecidos, os bons propósitos esti-

mulados e que todos, mais profundamente convencidos do seu dever na renovação religiosa e moral da sociedade, se consagrem com uma Fé viva, uma Esperança e uma Caridade fervorosas, para instauração do Reino de Jesus Cristo Nosso Senhor. 29 de julho de 1957. Papa Pio XII».

A assembleia resolveu enviar ao Santo Padre o seguinte telegrama, subscrito pelo Presidente do Congresso, Senhor D. Léon Lommel:

«Bispos, sacerdotes, leigos, participantes do Congresso Internacional de Cristo Rei inaugurado em Fátima na presença do Núncio Apostólico em Portugal, agradecemos, profundamente comovidos, a paternal Mensagem de Vossa Santidade, reafirmando sentimentos de filial devoção, prometendo seguir religiosamente as diretivas da Santa Sé para a dilatação do Reino de Jesus Cristo».

Na sessão da tarde do mesmo dia, o Senhor Dr. Joaquim Dinis da Fonseca apresentou uma tese subordinada ao tema «O Reinado de Cristo Rei em Portugal», através da qual demonstrou: a) que a Mensagem de Fátima foi um auxílio providencial mandado à Igreja na sua luta com o flagelo satânico soviético e, de modo especial, b) que a mesma mensagem se ajusta à vocação providencial da Nação Portuguesa e à missão universalista da sua história.

Foi um trabalho verdadeiramente notável pela cópia de elementos apresentados e pela profundidade do pensamento.

A sessão terminou com o trabalho do Reverendo Cónego Barthas, que versou o tema «Fátima e o destino do mundo», anunciando as fundadas esperanças que podemos depositar na realização das promessas de Nossa Senhora quanto à conversão da Rússia e a paz mundial.

À noite, todos os Congressistas se reuniram em volta da Capelinha das Aparições onde rezaram o Terço.

Fátima e o Islamismo

Fulton Sheen, o preclaro Bispo Auxiliar de Nova Iorque, um dos oradores que o Congresso escutou com o mais vivo interesse, falou sobre «Fátima e o Islamismo», começando por afirmar que o nome de Fátima é muito conhecido entre os muçulmanos, reproduzindo a lenda segundo a qual, quando os muçulmanos saíram da Península Ibérica, um dos seus chefes em Portugal tinha uma filha chamada Fátima, como Fátima era também a própria filha de Maomé.

E depois:

«O Islamismo tem feito enorme progresso no mundo. Há 375 milhões de muçulmanos; na Rússia, 30 milhões; na Áfri-



O 8.º Congresso de Cristo Rei ouviu com singular enlevo Mons. Fulton Sheen. Ei-lo em Fátima, como em Nova Iorque diante das câmaras da TV.

ca do Norte, 70 milhões; no Oriente, até à indonésia, 80 milhões».

Historiou, em seguida, a evolução do Islamismo e definiu o seu *credo*, para depois analisar o que chamou a quase impossibilidade da conversão dos muçulmanos ao catolicismo, baseando-se em vários argumentos de ordem ideológica e histórica. «No entanto – afirmou – Cristo poderá ser levado aos muçulmanos através do culto mariano».

Mons. Sheen desenvolveu a sua tese, salientando, entre outros pontos:

1.º – Os muçulmanos têm grande admiração pela Virgem Maria e o Corão afirma que Ela foi concebida sem pecado. Embora não creiam que Deus Se fez homem, por Ela, acreditam na sua virgindade, quando Ele nasceu.

Maomé teve uma filha, chamada Fátima, e sobre a sua sepultura disse: «Depois da Virgem Maria, ela é a mulher mais abençoada do céu».

2.º – Os muçulmanos têm profunda devoção pelo Arcanjo Gabriel, o Arcanjo da Anunciação que, dizem, apareceu a Maomé e lhe ditou o Corão. O capítulo XIX do Corão inclui várias páginas sobre a Virgem Maria.

A evidência da sensibilidade da alma muçulmana no culto da Virgem Maria está no entusiasmo com que as populações muçulmanas receberam a imagem da Virgem Peregrina.

E o orador recordou o caso de Zanzibar, a cidade das 25 mesquitas, como típico exemplo desse entusiasmo.

Com o desenvolvimento destes argumentos, sublinhou que se São João Baptista foi precursor de Cristo entre os filhos de Isaque, a Virgem poderá ser a precursora de Cristo entre os filhos de Ismael.

Conclui este pensamento, dizendo: «De forma mais concre-

ta, podemos dizer que, quando os muçulmanos recuperarem a verdadeira fé na Mãe Divina, caminharão para a crença na divindade de Cristo».

No segundo dia do Congresso, usaram ainda da palavra os senhores Dr. Marcel Clément, que falou sobre «A Renovação Social do Mundo, segundo as Encíclicas Sociais», e o Prof. Dr. Luís de Pina, que versou o tema «A reforma social e as suas consequências práticas».

Um Pontifical em rito bizantino

O último dia do VIII Congresso Internacional começou com a Santa Missa em rito bizantino, oficiando Monsenhor Maurice Van de Maele, Vigário Geral para os Ucrânios Católicos em França e em Espanha. Ao Evangelho, fez uma alocução o Senhor D. Gregory Rozman, Bispo de Sjubijana, da Jugoslávia, refugiado na América.

No terceiro dia, foram oradores: o Padre Calazans Baradat, de Barcelona («A entronização do Sagrado Coração de Jesus e o apostolado social na indústria»); o Dr. João Bernard, Presidente da OCIC do Luxemburgo («Cristo Rei na vida pública – Imprensa, Rádio, Televisão»); D. Maria Palmira Morais Pinto Duarte, Presidente Nacional da LCF («A Modéstia – uma mensagem para as mulheres»); o Prof. Dr. José Schweigel, SJ, Roma («A conversão da Rússia à luz da mensagem de Fátima»); e D. Manuel Trindade Salgueiro, venerando Arcebispo de Évora, numa sessão especialmente dedicada aos sacerdotes, que versou o tema «A Missão do Sacerdote».

Finalmente, Mons. Maurice Van de Maele disse ter vindo implorar à Virgem de Fátima que se digne abençoar a Ucrânia e libertá-la do domínio comunista. Os ucranianos estão dispersos por toda a Europa, sob a jurisdição do Arcebispo



A Cruz das Nações, símbolo de uma geração atormentada a caminho da Paz e da Verdade, a Cruz que veio ao Congresso de Cristo Rei.

Ivan Buszco que vive em Roma. Os seus quatro vigários gerais assistem, no campo espiritual, a 100.000 ucranianos católicos espalhados pela Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Suíça, Bélgica, Holanda e países escandinavos.

* * *

Foi inegavelmente um acontecimento de larga projeção o VIII Congresso de Cristo Rei realizado pela União de São João à sombra de Fátima. As conclusões revelam, com suficiente clareza, a grandeza do Congresso. Ei-las:

«O VIII Congresso Internacional de Cristo Rei, reunido em Fátima, convencido de que é pelo reino de Maria que há de realizar-se o reino de Cristo, formula as seguintes conclusões:

1. Sob o lema «Regnum Christi», o Congresso considera como sua tarefa especial opor uma barreira ao materialismo que tenta demolir o Reino de Cristo na sociedade humana.
2. O materialismo dialético é a maior ameaça do Reino de Cristo na hora atual. Pela sua essência, não é só uma negação de Deus, mas uma declaração aberta contra os direitos divinos.
3. Por isso, não é possível conceber uma coexistência entre o Cristianismo e o comunismo ateu.
4. O comunismo esforça-se por todos os meios da pedagogia por apoderar-se do coração e da mente das crianças. O Congresso, ao contrário, acentua a importância da educação cristã na família e na escola.
5. Para a realização do Reino de Cristo no mundo, o Congresso exorta todos os cristãos a aplicar as suas forças para se alcançar uma ordem social, de acordo com os ensinamentos pontifícios.
6. Os participantes do Congresso, convencidos da importância dos meios de formação da opinião pública, obrigam-se a aproveitar os serviços da Imprensa, do Cinema, da Rádio, da Televisão, para que Cristo reine nos indivíduos e na sociedade.
7. O Congresso afirma a eficácia da Mensagem de Fátima e inculca a todos os cristãos o dever de rezar e fazer penitência pelo advento da «Paz de Cristo no Reino de Cristo» – «Pax Christi in Regnum Christi».

Final

É muito breve o esforço que acaba de se traçar. Esperamos, no entanto, que ele seja retrato fiel da *alma* que anima a União de São João.

Que ele seja um toque de clarim a chamar os portugueses para a reconquista do mundo para Cristo.

E assim, como em séculos passados, portugueses e alemães se encontraram juntos na mais bela das Cruzadas, assim hoje voltem a unir os seus esforços para um *mundo melhor*.

E que tudo isto se realize sob o olhar protetor de Nossa Senhora de Fátima!

Posfácio

A Congregação continua...

A história da Congregação não termina aqui, em 1958. Depois da sua fixação em Gouveia, a partir da Alemanha, ganhou forças para trabalhar com grande dedicação e ardente paixão pela expansão do Reino de Deus, alargando assim os seus horizontes.

Atualmente, a Congregação está presente nas dioceses da Guarda, Viseu, Santarém e Lisboa, em sete comunidades: três em Gouveia; uma em Viseu, Torres Novas, Lisboa e Malhada Sorda.

Em 1970 iniciou a sua presença em Moçambique, onde conta atualmente com quatro comunidades: três na diocese de Nampula e uma na diocese do Gurué (Zambézia). A Congregação está também implantada na Índia desde 1971.

A Obra de Deus através do Padre João Maria Haw continua nos dias de hoje a ser sinal e guia para Cristo, através dos seus membros, obras e ações. O seu processo de beatificação encontra-se em curso, pelo que damos graças a Deus pelo dom da vida e santidade deste homem, franzino de estatura, mas com um coração de gigante.

Olhando para a figura do Padre João Maria Haw e fixando o olhar no seu grande entusiasmo em espalhar a bondade e a misericórdia aos mais frágeis, marginalizados e desfavoreci-

dos pela vida, as Irmãs e os Missionários de São João Baptista continuam numa atitude de aprofundamento e partilha do seu carisma e missão. Procuram que o seu lema «Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor» seja um perene louvor ao Senhor e que também Nossa Senhora Rainha e Senhora de Fátima continue a abençoar os trilhos das duas Congregações.

Enquadrando a vinda da Congregação para Portugal numa perspetiva da difusão da mensagem de Fátima, nada mais sublime do que a oferta deste opúsculo renovado, integrando assim o Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. Uma graça para a Congregação, que convosco partilhamos, como convite a vivenciar este dom de Deus.

Neste tempo em que sentimos de forma mais acentuada o desafio da missão renovada e adaptada, sempre na fidelidade ao carisma fundacional, a exemplo de São João Baptista queremos ser voz profética através da oração e ação.

O desafio à solidariedade e a entrega às causas sociais, que muito entusiasmaram o Padre João Maria Haw, são ânimo que nos impele a não cruzar os braços e assim agradecer a todos com o seu amor eucarístico, apostólico e mariano.

No livro editado em 2015, intitulado «Padre João Maria Haw», referenciávamos este homem como um homem de missão e de misericórdia. Mas, como é dito nessa obra, «HOMEM DE BÊNÇÃO» é a forma mais bela para o caracterizar. Que seja sempre, para todos nós, a bênção de Deus por intercessão de Nossa Senhora Rainha e Senhora de Fátima!

A Congregação em Portugal e em Moçambique

EM PORTUGAL

Casa da Rainha do Mundo

Rua Nossa Senhora Rainha
6290-337 Gouveia
Tel. 238 492 170 – Fax: 238 491 952
casarainha.mundo@sapo.pt
irmas.sjbaptista@sapo.pt
sjbaptista.provincia@gmail.com

Comunidade da Malhada Sorda

Centro Bem Estar Social
Rua D. Conceição Borregana
6355-080 Malhada Sorda
Tel. 271 566 138 – Fax: 271 566 969
cbesocial@sapo.pt

Comunidade do Seminário

Escola Apostólica de Cristo Rei
6290-315 Gouveia
Tel. 238 490 160
Fax: 238 490 169

Escola Apostólica de Cristo Rei

6290-315 Gouveia
Tel. 238 490 160
Fax: 238 490 169
msjb@netcabo.pt



Fundação a “Nossa Casa”

Largo D. Zulmira Belino
6290-527 Gouveia
Tel. 238 492 379 – Fax: 238 491 952
fundacaoanossacasa@mail.telepac.pt

Comunidade de Torres Novas

Lar Dr. Carlos Azevedo Mendes
Rua Dr. Vicente Sousa Vinagre
2350-803 Torres Novas
Tel. 249 824 459
irmas.sjoabaptista@gmail.com

Comunidade de Viseu

Rua Senhora do Postigo
Edifício S. Lázaro, 3º E
3500-200 Viseu
Tel. 232 426 421
irmas.joaobaptista@gmail.com

Comunidade de Lisboa

Centro Padre João Maria Haw
Rua Ginestal Machado, Lote 7
1600-120 Lisboa
Tel. 217 262 528

EM MOÇAMBIQUE

Comunidade da Casa Regional

Caixa Postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 26213902
isjb.regiao@teledata.mz

Comunidade de Iapala

Caixa Postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 26213902
isjb.regiao@teledata.mz

Comunidade de Ribaué

Caixa postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 26820005
fatimabacar@gmail.com

Comunidade do Gilé

Caixa postal 547
NAMPULA
Tel. 00 258 827309242



Irmãs em Portugal, Casa da Rainha do Mundo e Irmãs em Moçambique.

Índice

Prefácio	3
Uma Cruz e uma Cruzada	7
Sob o olhar de Nossa Senhora de Trier	9
A romagem pelo Mundo	25
O VIII Congresso Internacional de Cristo Rei	47
Final	58
Posfácio	59
A Congregação em Portugal e em Moçambique	61

A reedição do opúsculo
«Uma Congregação do nosso tempo»
que pretende mostrar como nasceu e cresceu
a Congregação das Irmãs e Missionários
de São João Baptista em Portugal,
o país de Nossa Senhora de Fátima que,
desde o princípio,
dirigiu e guardou a Obra em Portugal.

Fazer memória
das origens da presença em Portugal
da União de São João, concretamente
das Irmãs e Missionários de São João Baptista,
é reconhecer e agradecer
a aportação de mais um fecundo carisma
que veio enriquecer a Igreja em Portugal.

Em ano de celebração centenária
das Aparições de Nossa Senhora em Fátima,
torna-se ainda mais relevante esta revisitação,
pelo facto de a sua vinda para Portugal
estar intimamente ligada
à mensagem de Nossa Senhora de Fátima.



Província Portuguesa
das Irmãs de São João Baptista e de Maria Rainha